

Reação, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA - PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Oficinas de impressão e estriptipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-
feiras - Não se devolvem os originais - Dos
artigos publicados são responsáveis os seus
autores.

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2418

DIÁRIO DA MANHÃ

A BATALHA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Director interino: JOAQUIM DE SOUSA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento se-
manal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 me-
ses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses
66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00
PAGAMENTO ADIANTADO (AVENÇADO)

TERÇA FEIRA, 19 DE OUTUBRO DE 1926

Ainda a nossa posição revolucionária

E' triste, bem triste ver as nossas intenções deturpadas e os nossos pensamentos interpretados de maneira absolutamente diversa do que éramos.

Vimos defendendo há algumas semanas, com uma sinceridade que ninguém pode pôr em dúvida, a reorganização e o rejuvenescimento da Confederação Geral do Trabalho. Temos tido o cuidado de não atribuir nem a este nem àquele as culpas da decadência sindical que se patenteia bem evidente aos olhos de gregos e de troianos. O recente passado é desolador. E não é de desolação e nas ruínas que encontramo-nos incitamento para melhores empreendimentos futuros. Não achamos azado o momento — tão perto estamos do passado que difícil é examiná-lo sem paixão, sem sectarismo — para fazer história. Preocupamo-nos em melhorar o presente e preparar o futuro. E esta atitude, que deveria agradar a todos os que sinceramente desejam o bem da Organização; esta atitude mais alta do que todas as paixões, mais isenta de particularismos, que mereceria o aplauso de todos os que, tendo o seu ideal social particular, dentro da Organização devem moderá-lo para colocar mais alto os interesses supremos das classes trabalhadoras; esta atitude, afinal, longe de achar os coléricos e de se impor, como um belo exemplo moral, aos sectários, vem provocando os ataques mais intempestivos e, por vezes mais iníquos que ultimamente têm surgido na imprensa revolucionária.

Bastante contrariados, gastamos tempo e tinta na discussão destes assuntos que não nos parecem os de maior interesse para o povo trabalhador. Este que nos perdoe o desperdício do tempo, porque ninguém pode ficar calado ao ver as suas intenções mal compreendidas por uns e até, o que lamentamos, deturpadas por muitos.

Agitámos aqui, com toda a clareza, o problema da unidade sindical. E quando o fizemos, julgámos ser os que estavam naturalmente indicados para isso, visto que não pesava sobre nós, nem nunca pesou, a acusação de comunistas. Alguma cérémonia revolucionária que ao director desta gazeta foi atribuída, teria sido a de anarquista, que ele nunca reputou, porque o sabe ser com sinceridade e sem sectarismos. Esta circunstância parecia-nos uma garantia segura de que ao tocarmos o problema da unidade sindical não pretendíamos fazer o jongo político dos comunistas autoritários. Sempre que estes pretendem transformar os organismos sindicais em grémios políticos encontram-nos como adversários leais e intransigentes. Isso, porém, não quer dizer que, ao impedirmos os outros de transformar os sindicatos em redutos da sua

corrente política, desejamos para nós o privilégio de transmudá-los em grupos anarquistas. Nos sindicatos faz-se sindicalismo, luta de classes intransigente e revolucionária contra os inimigos comuns: patronato e sistema capitalista. Comunismo autoritário ou anarquismo reserva-se para as respectivas agremiações, que devem ser independentes da Organização Operária.

Como operários e para bem da classe operária pensamos assim. Por isso a nossa consciência está tranquila.

Mas sucedeu que anarquistas e comunistas não souberam ou não quiseram compreender-nos. Estes viram nas nossas palavras na nossa atitude o jongo dos anarquistas — os anarquistas insinuam que desejamos fazer o jongo dos comunistas.

Felizmente, há muitos operários, muitos camaradas que sabem que trilhamos um caminho ingrato, sim, mas recto. E estes sabem que, se uma vez ou outra combatemos alguém que se intitula anarquista ou comunista não o fazemos no intuitivo de favorecer uns ou outros, mas de manter integral o prestígio da organização e de arredar do seio destas questões filosóficas e irreductíveis que tragam o enfraquecimento das classes operárias e as desviam da missão que têm a desempenhar nos sindicatos: — defesa das suas regalias de classe, ataque aos rudes capitalistas.

Desde que cada militante se abstinha, tanto quanto seja possível, de se imiscuir nas discussões de caráter operário e de classe assuntos políticos ou filosóficos, pode realizar, quer seja anarquista, comunista ou republicano, uma obra útil de luta de classes. Basta que se coloque um belo exemplo moral, aos sectários, vem provocando os ataques mais intempestivos e, por vezes mais iníquos que ultimamente têm surgido na imprensa revolucionária.

Não nos apraz, porque não achamos útil para a Organização, estar respondendo, ponto por ponto, às críticas que de um lado e de outro nos são dirigidas. Não representa esta atitude menos consideração pelas opiniões alheias. Entendemos que devemos responder de uma maneira geral e rasgada, afirmando claramente os nossos propósitos.

O espírito dos nossos artigos desce em linha recta dos últimos Congressos Operários, onde se declarou a Organização apolítica, integrada no sindicalismo revolucionário. Só a paixão, o sectarismo que cega poderão deturpar o sentido das nossas palavras. Atribuam-nos, pois, os pensamentos que expedimos e não os que nestas colunas não se lêem. Lembremos-nos de que a Organização necessita de boas vontades para rejuvenescer e progredir e que não é discutindo de má-fé, pelo prazer de discutir, que alcançamos tão alto objectivo.

ACTUALIDADE ESTRANGEIRA

Os domínios ingleses começam a afirmar-se estados independentes

Deve reunir-se hoje, em Londres, a conferência imperial britânica. O acontecimento tem impressionado as opiniões de vários matizes. Os imperialistas ingleses inquietam-se bastante com os impulsos de soberania de alguns países que muito tempo foram simples colônias e hoje parecem estados independentes.

Vêm os primeiros ministros dos Domínios discutir com o governo imperial o novo Estatuto, que terá de regular as suas relações com a Metrópole. Os Domínios, sobretudo, o Canadá, querem ser reconhecidos imediatamente como nações, tendo relações com nações estrangeiras e uma vida política bem nacional, que é como se dissessem, uma independência convencida e acreditada.

O governo de Londres tinha, até há poucos anos, o privilégio de dirigir toda a política e diplomacia com o estrangeiro. Mas a guerra veio proporcionar o ensejo de conquistarem maior força aos "domínios britânicos". Hoje, a África do Sul, o Canadá e a Irlanda não querem reconhecer mais a suzerania britânica. E assim, na conferência imperial que hoje se inicia em Londres, os "domínios" do império britânico vão reivindicar, como última transição, último passo para a independência, que se funde a "república" de nações britânicas... Entretanto no horizonte, um rival enigmático, temido e odiado, que há anos vem exacerbando o nacionalismo dos povos submetidos às grandes potências, e cujo princípio político, pouco mais sendo uma democracia, tanto inquieta a burguesia dominadora, essa Rússia inacessível e provocadora, fântoma e desdenhosa, esperando ansiosamente o momento histórico da desagregação de um grande império...

Notas & Comentários

Julião Quintinha

O nosso camarada Julião Quintinha que, desde Junho do ano findo, vem viajando através da África, visitando as colônias estrangeiras e portuguesas, de onde enviou agradáveis crónicas para a Batalha, encontra-se em Setembro último no Cabo da Boa Esperança. Dali nos escreveu anuncianto o seu breve regresso. Aguardamo-lo com ansiedade, já pelo prazer pessoal de abráço-lo, já pelo desejo de conhecer as suas impressões que ele saberá traduzir na sua prosa dítil, clara e apaixonada.

Percalços

Os militantes operários devem pôr um certo cuidado nas entrevistas que concedem aos jornais burgueses. Sabe-se que a estes interesses mais o enfraquecimento da Organização Operária do que o seu engrandecimento. E, assim, servem-se da entrevista para se meterem a intriga, estabelecer a desorientação ou ridicularizar os seus militantes, como sucedeu ontem no camara de Alberto Monteiro, no Diário de Lisboa, que julgou encontrar nas colunas de um jornal adverso um campo aberto às suas, porventura respeitáveis, opiniões pessoais e achou apenas um meio de se diminuir aos olhos do público.

O Cadastro

Vai reaparecer este panfleto do dr. Da Cunha Dias que estava suspenso há uns meses.

Déj destacamos um artigo que hoje A Batalha insere, e que bem retrata a podridão da sociedade burguesa em que vivemos.

A lógica monárquica

O Correio da Manhã que, descrente da restauração da monarquia, resolveu, num concurso exquisito, rifar os reis de Portugal, lembrou-se anteontem de recomendar aos operários que não se deixassem obsecar pelas teorias revolucionárias que determinam a socialização da produção e comunicação da propriedade. Na abalizada opinião do órgão monárquico, só num regime de propriedade individual, como éste em que vivemos, se pode viver feliz e em abundância. Que lhe respondam os operários sem trabalho que estão am de miséria em holocausto às lindas teorias de propriedade privada que a audita gazeta tão brilhantemente defende.

Sobre a morte do Capitão Aníbal de Azevedo

Velando o corpo do herói

Aos poucos, noite adiante, o pequeno grupo de amigos vai rizando, e quando a madrugada começou a espreitar às furtadas pelas altas vitrais, derramando confusão na penumbra fraca do templo, restauravam três, esmagados pela fadiga e pela emoção da longa e dolorosa noite de vela.

O Conde de Monsaraz insistiu com o escritor Armando da Silva que sucumbido dobraria a sua alta figura sobre um banco ao lado do ataúde. Junto aos seus rogos a insistência dos meses, e ficamos dois.

Na luta entre a manhã e a luz dos tocheinhos e dos lampáridos venceu a manhã, e pelo silêncio do templo espalha-se uma suave claridade que envolve de ternura, de humanidade, a severa figura que está na minha frente no seu nicho, e toda a noite meu olho sombrio e macabúzio.

E' dia claro. Nas nossas costas, coado da aliança, vemos a frescura de um canto de toutefogna.

Entra um sacerdote que junto ao ataúde faz as suas orações, momentos depois um sacrifício vem muito mesureiro acender as luces dos altares e abrir as portas do templo.

Enche-se a nave principal de fiéis e o mesmo sacerdote paramentado sobre o altar-mor a rezar a missa.

Sen uma palavra, como que envergonhados daquele abandono a que foi votado na sua primeira noite de eternidade o corpo do herói, escoamo-nos para uma porta.

De repente reparo em qualquer coisa que brilha. Baixo-me e notei o Conde de Monsaraz o macabro do meu achado: — Era uma pequena bolita de ouro de um travesso de medalhas...

Ascomigo de noite alguém estivera demoradamente mexendo sobre o corpo. A tampa do caixão aberta para o nosso lado encobriu-nos as suas mãos. Ao José Fernandes Junior, que estava junto a mim, chamei a atenção para o facto, e supus, como ele, que estivesse agitando as medalhas.

Coloquei a pequena bola sobre a toalha branca de um altar e entreguei-a depois a um parente do Aníbal de Azevedo, ao Conde de Almada e Avranche.

Começam chegando aos pequenos grupos parentes e amigos do herói.

Vestida de negro uma figura esguia e esbelta de mulher ora de joelhos junto ao catafalco.

Mais gente, titulares, aristocratas, militares. Saimos.

E aós, caminho de casa, relacionei estes factos, tristes desoladores:

Quando Aníbal de Azevedo entrou no hospital, ferido, desmaiado, não tinha carteira; quando morto o vestiram não tinha a sua aliança, única joia que usava; quando saiu do seu caixão pilharam-lhe as medalhas, que heroicamente ganhou em vida, expondo a sua vida por esta terra.

E então, no desespero da minha dor, eu comprehendi a sua morte...

Nesta terra vil as qualidades são defeitos, o heroísmo uma grande ofensa à covardia dos outros.

Em Portugal as virtudes não se admiram, nem se respeitam, invejam-se e abocanham-se.

Então eu comprehendi a sua morte, e o suicídio de Mousinho, e a desgraça de D. Francisco Manuel, e o exílio de Duarte Pacheco, e de outros, e de tantos, e de todos quantos valeram pelo seu carácter e pela sua inteligência.

E comprehendi como essa figura heroica de soldado, tão galharda e tão gentil, que se coube de glória em França, tombou assim alucinada, vencida pela pestilência infecta deste lamaçal. E comprehendi o colera do seu desespero de inadaptado, de malquerido, sofrendo quando as imperiosas prepotências do dever lhe impunham que defendesse o que detestava, quando a velhaca moral corrente dos vis queria submeter as suas regras a elegância do seu viver.

E comprehendi a sua morte...

Voltei ao templo. No largo do Socorro acumulam-se automóveis. Ladeando o catafalco, dentro do templo, uma multidão, de onde se desliza o que melhor ainda existe na nossa mingaua «élites».

E, resadas as orações fúnebres, o cortejo pôs-se em marcha, caminho do Alto de São João.

Após umas concisas e justas palavras do major Ribeiro de Carvalho, proferidas quase que com religiosa emoção, e um breve discurso do tenente-coronel Ferreira do Amaral, a urna foi deposita no seu jazigo.

Um funcionário municipal vem pregando uma chapa com um número. Mais um!

E eu que conto menos uns, na minha admiração, e no culto da minha admiração, comprehendo a sua morte que é um doloroso aviso e um incitamento a todas as cônegas e a todas as revoltas.

Compreendo a sua morte...

Também sou estrangeiro na minha terra!

Da CUNHA

Uma manifestação anti-clerical em Évora

EVORA, 17.—No dia 31 do corrente mês efectua-se, nesta cidade, uma romaria à campa do falecido padre Rodriguez e Roquette, em cujo funeral se passaram aquelas escenas de intolerância que a Batalha denunciava.

A manifestação deve constituir uma importante afirmação de propaganda anti-clerical e nela tomarão parte, além das classes trabalhadoras, todas as pessoas de espírito liberal.

O Cadastro

Vai reaparecer este panfleto do dr. Da Cunha Dias que estava suspenso há uns meses.

Déj destacamos um artigo que hoje A Batalha insere, e que bem retrata a podridão da sociedade burguesa em que vivemos.

A lógica monárquica

O Correio da Manhã que, descrente da

CONGRESSO DOS OPERARIOS DO RAMO DA ALIMENTAÇÃO

Foram inaugurados no passado domingo os trabalhos desta magna assemblea que decorreram com grande entusiasmo e serenidade

O 1.º Congresso Nacional dos Operários do Ramo de Alimentação inaugurou os seus trabalhos às 17,30 horas de domingo na Associação de Classe dos Chaufeurs do Sul de Portugal.

A direcção dos trabalhos da sessão inaugural coube à comissão organizadora do Congresso, representada por Domingos Gonçalves, Sebastião Marques e Alfredo Borges Gombá, respectivamente, presidente e secretários.

Aberta a sessão o presidente em breves palavras explicou aos representantes dos sindicatos aderentes que este Congresso reuni-

mpõem para uma boa organização. Como delegacia indireta só pode ser aceite a do Funchal por ser um organismo com relevância para o continente e por isso não ter facilidade em se fazer representar no momento.

E' de parecer esta comissão que os delegados da C. G. T., da C. S. T., de Lisboa, da F. J. Sindicalistas, assim como a Comissão Organizadora do Congresso devem ter voto consultivo. — Alberto Gomes, (relator), Mário Martins Moreira, Fernando dos Santos Matos.

Approved este parecer sem discussão, nomeados para dirigir os trabalhos da 1.ª sessão do Congresso Pedro Paz, da A. Manipuladores de Pão de Lisboa; Fernando de Sousa Matos, do Sindicato dos Matadouros de Lisboa; Álvaro de Sousa Simões, do S. dos Manipuladores de Pão de Santarém; respectivamente, presidente e secretários.

Lida e aprovada a acta da sessão inaugural, fez-se a leitura do regulamento do Congresso, falando sobre ele: Alberto Gomes, Domingos Gonçalves, João Manuel Fernandes, Rodrigo Cardoso e Sebastião Marques, sendo o regulamento aprovado.

Seguiu-se depois a leitura do expediente no qual se encontravam ofícios dos seguintes organismos: C. G. T., C. S. T., Associação de Classe dos Manipuladores de Pão de Évora, Federação das Juventudes, Associação dos Criados e Cozinheiros do Funchal, Associação dos Manipuladores de Pão de Coimbra, Sindicato dos Pessoal dos Matadouros de Lisboa, Sindicato dos Operários de Padaria de Santarém, Associação dos Confeiteiros do Porto, Associação dos Profissionais Culinários de Lisboa, Associação de Classe dos Manipuladores de Pão do Pórtico, Associação dos Operários Alfaiates de Lis

Crise de trabalho e maneira de a combater

(Tese a apresentar ao I Congresso dos Operários do Ramo da Alimentação)

Há tempos que uma horrível crise de trabalho vem avassalando os lares da grande família trabalhadora portuguesa! Em toda a parte nos aparece um companheiro de trabalho esmolando uns miseráveis vintens para conseguir vencer as enormes dificuldades da sua vida, porque não tem onde ganhar o suficiente para suprir as suas, embora muitas restrições despesas, visto que há já longos meses se arrasta pelas ruas, faro de mendigar trabalho e envergonhado de tanto passar!

A maioria dos camaradas do Ramo de Alimentação e mortamente os da classe que tenho a honra de representar são os que se encontram actualmente mais estrafavados pela classe patronal.

Os empregados no Comércio que exercem a sua actividade em magníficos estabelecimentos, amplos, arejados e com luz suficiente, trabalham 8 horas diárias. Os culinários, por exemplo, que passam as horas de trabalho dentro de potigás, sem luz, sem ar, sem a mais humilde condição higiénica, sujeitos à enorme temperatura de uma cozinha, lidando com matérias gordurosas, absorvendo toda a espécie de gases tóxicos, enfim, dentro de um ambiente que repugna e mata, trabalham 14, 16 e 18 horas muitas vezes!

O Decreto 5516 de 7 de Maio de 1919 establece o dia de 8 horas às classes trabalhadoras, mas no § único do seu art. 1º exclui os creados e quaisquer empregados de hoteis e restaurantes, considerando-os domésticos. Não será isto uma anomalia? Não seremos nós, portentamente, trabalhadores de uma indústria como os camaradas que se empregam nas outras várias classes?

Na Áustria, na Alemanha, na Suíça, na França, na Itália, enfim, nos vários países civilizados do mundo existem escolas para aprendizagem e aperfeiçoamento do pessoal da grande indústria hoteliera, a principal fonte do turismo e sem cuja frequência ninguém pode exercer esta profissão.

Ineficientemente nesse país, qualquer indivíduo importado pelos patrões da terra da sua naturalidade é imediatamente improvisado em criado de mesa, ajudante de cozinha, enfim um empregado de hoteis e restaurantes, sem formar a mais leigura ideia das responsabilidades e deveres a seu cargo, e deixam-se as verdadeiras competências que na sua grande maioria andam vagueando de porta em porta a braços com a miséria.

Existe uma lei entre nós que nos dá direito a 24 horas seguidas, por semana, para descanso. Pois até essa miséria nos é robada pelos patrões!

Já que em Portugal os governos têm abandonado por completo tão magnos assuntos somos de opinião que devemos recuar:

1.º Que a nossa situação perante o horário de trabalho seja resolvida, lutando também pela supressão do citado parágrafo único do artigo 1.º do Decreto 5516 de 7 de Maio de 1919 que nos considera domésticos.

2.º Que se exerça em todo o continente e ilhas uma rigorosa fiscalização sobre a lei do descanso semanal a que por lei temos direito, obrigando a classe patronal a cumprir a integralmente.

3.º Que todos os empregados da indústria hoteliera e similares sejam previamente submetidos a um exame técnico-profissional antes de serem admitidos a desempenhar quaisquer trabalhos inerentes à mesma indústria.

4.º Que sejam criados conselhos técnicos profissionais nas principais cidades do país, cuja constituição será feita:

Declaração

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Tendo a Comissão de Inquérito aos meus actos apresentado o seu relatório na assembleia geral na última quarta-feira, e peia sua aprovação foi-me referida toda a confiança, mas as razões expostas nas conclusões do mesmo relatório não são de molde a realistar-me moralmente a pesar da manifestação da mesma assembleia, eu declaro que, continuo afastado da actividade sindical enquanto não for clara e insufisivelmente aclaradas as conclusões do mesmo relatório, o que espero que o sindicato o faça brevemente.—Emílio Santena.

Efectua-se hoje, em Gaia, uma reunião de libertários

Efectua-se hoje, em Vila Nova de Gaia, uma reunião dos elementos anarquistas daquela localidade e seus arreiros. A reunião que tem lugar, às 10 horas, na rua General Torres, 143, 1.º, e convocada pelo grupo libertário «Filhos da Liberdade».

Aos nossos correspondentes

A expansão dum jornal está sempre na razão directa da dedicação e do esforço dispendido por todos os seus servidores.

Jornal operário, por e para trabalhadores feito, *A Batalha* carece de muitas e grandes dedicações que de toda a parte a informem do sentir dos oprimidos, cujos protestos, queixumes e aspirações ela tem a missão de interpretar, ao mesmo tempo que os oriente na maneira de conseguirem emancipar-se.

E porque o correspondente é sempre o elo que liga ao jornal a atenção das populações distantes, pedimos aos nossos correspondentes maior assiduidade no envio de informações, no que prestarão um bom serviço à causa e evitáram que, muito a nosso pesar, os eliminemos do caderno-registo dos nossos informadores.

A todos aqueles que se nos têm oferecido para correspondentes nas localidades onde ainda os não temos, solicitamos que nos enviem urgentemente duas fotografias, uma para o cartão de identidade que lhes será distribuído, e a outra para o nosso registo.

TIVOLI

TELEFONE N. 5474
AS 21 HORAS

TAMARA

(A Aventura de um Príncipe Russo)
Alta comédia. Emocionante entretêco. Intérpretes principais: Alice Pringle e John Gilbert (o novo Rudolph Valentino).

Queira desculpar
Graciosa comédia com Norma Shearer e Conrad Nagel.

Embrulhada conjugal

Engraçada cine-farça

Revista de actualidades

SALVADOR BARATA, L. DA

Fabricantes das alvaiações marca «Gaivota» e únicos depositários do «PO RODRIGUES».

O melhor destruidor de MUGAS, PERCEVEJOS, BARATAS, FORMIGAS, ETC.

À VENDA em todas as DROGARIAS, MERCEARIAS e LOJAS DE FERRAGENS.

Em Reguengos efectuou-se uma corrida com touros de morte

O público protestou indignado contra a selvajaria praticada

Julgamos ser esta ocasião propícia para também tratar aqui de tão importante assunto, que é uma das já velhas aspirações da classe dos Empregados dos Hoteis e Restaurantes, e pela qual ela tem lutado até ao ponto do sacrifício.

O criado de mesa de Portugal é, por assim dizer, uma criatura que não tem direito à existência, porque tem uma vida de favor, ou antes, de esmola!

Ele vive da aviltante esmola que o gosta, muitas vezes por generosidade, outras já pelo hábito, lhe afira com desdém. E' preciso, pois, acabar com esta vida parasitária! E' necessário que os patrões se convencam que, como homens, somos iguais e, portanto, queremos e exigimos o direito a viver com a cara levantada, sem termos de nos curvar perante ninguém como outrora os escravos diante dos seus senhores! Queremos trabalhar, queremos o nosso salário para assim podermos contar com o suficiente para o sustento dos nossos entes queridos e não queremos esperar por sapatos de defunto!

A esmola que recebemos tanto vexa quem a recebe como quem a dá!

Trabalhamos e portanto temos direito a que seja remunerado o nosso labor. Sabemos que teremos de sustentar uma luta sem trégua com o patronato da nossa classe que até hoje tem aferroado quantas fabulosas a custa do suor dos nossos laboriosos companheiros. Sabemos que é difícil obrigar-lhos a largar esses miseráveis vintens para pagamento do trabalho aos seus operários, mas, tem que ser! A maioria da classe dos Empregados dos Hoteis e Restaurantes está de alma e coração comosso, e digo a maioria, porque sei que existe na nossa classe uma infima minoria, a quem podemos cognominar de comodistas, que se desinteressam e chegam mesmo a achincalar aqueles que têm trabalhado e querem trabalhar em prol da organização da classe.

Em face do exposto proponho:

1.º que se procure, por todos os meios, a abolição da gorgota, a afronta da nossa classe.

2.º Que se iniciem as démarches precisas para que o nosso trabalho seja devidamente pago com um ordenado mensal, como sucede em várias classes trabalhadoras.

Relator, Augusto Rocha

Delegado da Associação dos Criados e Cozinheiros do Funchal

INSTRUÇÃO

Escolas da Construção Civil

Promovida pela Comissão Escolar do Sindicato Único da Construção Civil realiza-se no próximo domingo, 24, uma récita a favor das suas escolas subindo à cena o entre-acto dramático «Ameaça» e a espirituosa comédia «Marido Improvisado» e a interessantíssima comédia «Pecado de Simónia», da autoria do nosso falecido camarada Neno Vasco. Bilhetes na Administração da *Batalha*, contínuo da sede e Comissão Escolar.

Por Arcknoi. Preço 1\$00.

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA,

IDEARIO.

que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos:

Doctrina — Crítica Social — Educação Libertária — Tática Social — Evolução e Revolução — Violência-Liberdade e Autoridade — Ensino Filosófico-Literário — Idéias Iconoclastas — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Espanhola — Homens Representativos — Trabalhos Polémicos — Leitura — Fragmento Inedito.

Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50

Pedidos à Administração de *A Batalha*.

A revolução Social e o Sindicato

Por Arcknoi. Preço 1\$00.

História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresión capitalista»

Este publicação em língua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é um relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvures da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas. 1\$00. pelo correio, registrado, 1\$50.

Estão publicados os seguintes fascículos:

1.º — «La era de la esclavitud»;

2.º — «La rebelión de Espartaco»;

3.º — «Abolición de la esclavitud»;

4.º — «Abeycción y Servidumbre»;

5.º — «La revolución de los siervos»;

6.º — «Transformación del Poder Feudal»;

7.º — «El comunismo cristiano»;

8.º — «Los miserables en la Edad Media»;

9.º — «La libertad ilusoria»;

10.º — «La agonia del absolutismo»;

12.º — «El trabajo motor universal»;

13.º — «El imperio de la guillotina»;

14.º — «Las ideas sociales y la revolución francesa»;

15.º — «Los primeros tiempos del señorialismo»;

16.º — «Hospitales, cárceles y asilos»;

17.º — «Las crueldades de la burguesía republicana»;

18.º — «Los héroes de la Comuna»;

19.º — «Miserables matanzas de Comunilistas»;

20.º — «La República Española y la clase obrera»;

21.º — «El Príncipe Internacional»;

22.º — «El socialismo ante el Parlamento español»;

23.º — «El futuro obrero profetizado por Castells»;

24.º — «Pi y Margall confunde a los enemigos del socialismo»;

25.º — «Los precursores del proletariado moderno».

Preços iguais aos da temporada anterior.

O mais barato espetáculo de Portugal.

Um caso misterioso

No banco do hospital de São José faleceu hoje, pouco depois de norte ter dado entrada, um indivíduo de identidade desconhecida e que aparenta ter de 25 a 30 anos, tendo-lhe dado a morte um tiro que o atingiu no lado esquerdo do peito. As pessoas que o acompanhavam declararam que o presumido desastre se deu no Ritz Club, quando o infeliz fazia a barba, não sabendo a que circunstâncias possa se ligarmos a acudir-lhe quando ouviram a detonação.

Em defesa de uma classe

Na sua última assembleia geral, a classe dos «chauffeurs do norte» (Porto) apreciou o artigo publicado em *A Batalha*, no qual se defendia aquela classe das responsabilidades que lhe foram injustamente atribuídas. Foi aprovada uma saudação, que nos comunicaram depois num telegrama afectuoso.

PREÇOS: ULTRAPOPULARES, 25\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 20\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 15\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 10\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 5\$00.

PREÇOS: ULTRAPOPULARES, 25\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 20\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 15\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 10\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 5\$00.

PREÇOS: ULTRAPOPULARES, 25\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 20\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 15\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 10\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 5\$00.

PREÇOS: ULTRAPOPULARES, 25\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 20\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 15\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 10\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 5\$00.

PREÇOS: ULTRAPOPULARES, 25\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 20\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 15\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 10\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 5\$00.

PREÇOS: ULTRAPOPULARES, 25\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 20\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 15\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 10\$00; PINTA ULTRA POPULARES, 5\$00.

PREÇOS: ULTRAPOPULARES, 25\$

A BATALHA

CONGRESSO DOS OPERARIOS DO RAMO DE ALIMENTAÇÃO

Nas sessões diurnas de ontem foram aprovados importantes trabalhos e votada a adesão à C. G. T. e à Associação Internacional dos Trabalhadores

(Continuação da 1.ª página)

essa doutrina excepto na parte que diz filosofia, pois consideram a filosofia a ciência das coisas e por isso não podem conformar-se com aquele conceito.

O capítulo foi finalmente aprovado depois de aceite a seguinte ampliação de Sebastião Marques:

... e os congressos confederais respeitantes também as deliberações e diretrizes imprimidas pelos congressos nacionais operários à organização sindicalista revolucionária.

Sobre o Capítulo VI, da cotização, da cederneta e label, falaram os congressistas Domingos Gonçalves, Alberto Gomes, Sebastião Marques, João Manuel Fernandes e Alfredo Borges Gambôa que propôs que fosse fixada em 90 centavos a cota por sindicato para a Federação. Aprovado.

O Capítulo VII foi aprovado sem discussão, propõendo o delegado do Associação dos Manipuladores de Pão, Alberto Gomes, a seguinte emenda ao art. 39º, que o Congresso aprovou:

“Proponho ao art. 39: poderá reunir extraordinariamente, se as necessidades assim o exigirem e assim o resolver a maioria do Conselho Federal.

Art. 4º, § 2º. Cada delegado não pode estar investido de mais do que uma delegacia directa, não sendo permitidas as delegacias indirectas, excepto os sindicatos das colónias, observando-se porém neste caso que os delegados sejam assalariados e da mesma especialidade de indústria.

§ 3º. Não serão aceites delegados que exerçam funções políticas de qualquer espécie e cargos de confiança do governo.”

Os delegados das Associações dos Manipuladores de Pão e dos Confeiteiros do Porto propuseram para o art. 53º a seguinte redacção:

“Todos os serviços da manufatura do jornal, inclusivé a redacção serão gratuitos, cabendo à comissão executiva, o encargo de orientar esses serviços de forma a conseguir a máxima regularidade da saída do jornal.

§ único. No caso de a comissão executiva, não poder por si só realizar todo o trabalho, poderá propor a nomeação por parte do Conselho Federal duma comissão de três membros para auxiliar nesses serviços.

Aprovado, procedendo o relator dos estatutos à leitura do último capítulo que foi aprovado com a eliminação das palavras: *cargos filosóficos*.

Aprovado o estatuto da Federação, Alberto Gomes apresentou a seguinte moção:

“Consideração que o Congresso dos Operários do Ramo da Alimentação se reuniu no nobilitante intento de estabelecer a máxima união entre todos os trabalhadores do mesmo ramo, unindo-os em volta do organismo coordenador — a Federação do Ramo da Alimentação, que o congresso acaba de criar;

Considerando que essa união só é possível atingindo-se de futuro no interesse das classes organizadas, sem a preocupação de engrandecer qualquer agrupamento político, sem o intuito de desviar os operários organizados do campo da luta das classes e da ação directa pura e independente, livre de todas as influências por princípios opositivos ao sindicalismo revolucionário;

Considerando que na hora grave que atravessamos para a organização operária, é preciso disciplinar pela coerção e pela rigidez e inflexibilidade revolucionária única de valor social da organização operária, que, por isso mesmo, tem merecido os meios impulsionados pela inveja de todos os políticos desejosos de se guindarem ao trono do messianismo, já em Portugal tão experimentalizado em todos os campos;

Considerando que o próprio temperamento do operariado português é adverso ao interventionismo, à colaboração de classes, à política, seja qual for o sentido em que esta se manifeste, o que está sobejamente provado pelas manifestações de descontentamento em várias fases do movimento operário, principalmente quando as más interpretações dadas ao verdadeiro sindicalismo originam contradições com afirmações anteriores e quando as vaidades pessoais mal contidas estabelecem a confusão nos espíritos;

Considerando que o espírito de ação directa existe há muito, integrado nas massas operárias, principalmente na classe dos manipuladores de pão e operários confeiteiros, que em movimentos grandiosos têm conquistado grandes e valiosas regalias, principalmente nas cidades de Lisboa e Porto e no resto do país por influência destas cidades, conseguindo pelo menos, banir da classe a deprimente condição de moços ou criados assoldados, e conquistarem o lugar de operários assalariados e o descanso dominical, que tanto sacrificios tem custado; sacrificios esses bem dignos de especial menção como as greves estalando inesperadamente e mantendo-se através da enorme perseguição das autoridades;

Considerando que as páginas mais gloriosas dos Manipuladores de Pão e Artistas Confeiteiros como de todas as classes se devem à ação directa, isto é, à ação exercida livremente pelas massas, livres de influências estranhas e exteriores são por si só um formal desmentido aos que pretendem negar o valor desta ação;

Considerando que o espírito revolucionário de algumas classes que neste congresso se encontram representadas, não só se tem manifestado pela sua ação nos movimentos reivindicadores como nas suas afirmações de princípios nos congressos nacionais operários, onde, votando pela razão, têm encaminhado o movimento operário nacional, para o campo da luta social verdadeiramente definida sem rodeios nem intermediários;

Considerando ainda que é preciso que o robustecimento da organização operária comece de baixo para cima, fortalecendo cada vez mais a central operária e impulsionando-a na marcha para o Progresso, para a máxima perfeição, dentro do campo da Unidade Sindical;

Considerando que é preciso que o robustecimento da organização operária comece de baixo para cima, fortalecendo cada vez mais a central operária e impulsionando-a na marcha para o Progresso, para a máxima perfeição, dentro do campo da Unidade Sindical;

Considerando que é preciso que o robustecimento da organização operária comece de baixo para cima, fortalecendo cada vez mais a central operária e impulsionando-a na marcha para o Progresso, para a máxima perfeição, dentro do campo da Unidade Sindical;

Considerando que é preciso que o robustecimento da organização operária comece de baixo para cima, fortalecendo cada vez mais a central operária e impulsionando-a na marcha para o Progresso, para a máxima perfeição, dentro do campo da Unidade Sindical;

Foi lida e aprovada a tese introdução da

Luta de classes

O que diz um manifesto do Sindicato dos Encadernadores sobre a crise de trabalho

A comissão administrativa do Sindicato dos Encadernadores e Anexos fez publicar um manifesto de propaganda do próximo Congresso Local dos Sindicatos Operários. Deste documento extractamos os seguintes períodos referentes à crise na indústria de encadernação:

«A crise na indústria de encadernação filia-se em vários motivos, entre êles os seguintes: ganância dos senhores industriais que, para arrecadarem maiores proveitos, querem que o trabalho se faça o mais depressa possível, fugindo a todas as normas artísticas, resultando o quase total desaparecimento do chamado trabalho-obra impressa (livros impressos)—porque o freguez se retrai e não manda encadernar, pois na maioria, êles se queixam de que ficam com os seus livros estragados devido à sua estética artística e confeção serem de molde a não satisfazer os mais ignorantes sobre encadernação; porque não se olha à mais pequena parcela de cuidados sobre o trabalho, que é confeccionado à la diable, não reparando os senhores industriais que êsses trabalhos são cada vez menos e já terem ouvido da boca dos próprios fregueses, não estar o trabalho em condições, ficando os operários com o labu de incompetentes, quando na maioria das vezes a culpa é só dos industriais, que são na actualidade quase só de «milicianos», mas pelo facto de terem dinheiro abrem oficinas só para explorar, arrastando para o descrédito uma indústria que podia estar aí.

Domingos Gonçalves considera ambigua a redacção deste documento, pois é não marca claramente uma posição.

Mário Martins Moreira, da Associação dos Manipuladores de Pão de Coimbra, apresentou a seguinte moção:

“Considerando que a Organização Operária se deve manter alheia a todos os crendices políticos, mantendo sempre no espírito das massas a tática do sindicalismo revolucionário, a luta de classes;

Considerando que o proletariado se deve manter unido não só nacional como internacionalmente, para com mais eficácia fazer valer as suas justas pretensões impondo-se conscientemente ao patronato;

Considerando que não faz sentido que o operariado da alimentação pública de Portugal fique isolado do resto do proletariado e entregue só às suas próprias forças;

O operariado do ramo de Alimentação de Portugal de Portugal reuniu na sua 1.ª congresso em Outubro de 1926, resolve:

1º Dar a sua imediata adesão à Confederação Geral do Trabalhista Português, único organismo integrado no verdadeiro sindicalismo revolucionário, e que pratica a luta de classes.

2º Votar também a sua adesão à Associação Internacional dos Trabalhadores com sede em Berlim por reconhecer nela o organismo internacional mais idóneo para representar o proletariado mundial integrando-no no sindicalismo revolucionário de todos os partidos políticos.

Volta a falar Domingos Gonçalves que combate a adesão à A. I. T., concordando apenas com a adesão à C. G. T.

A organização operária portuguesa, diz o orador, não tem capacidade orgânica para corresponder aos encargos internacionais. Por isso o Congresso deve manter a máxima neutralidade em face das internacionais existentes.

O orador termina as suas considerações, declarando que a adesão à C. G. T. é já por si a adesão à A. I. T.

Foi enviada para a mesa a seguinte declaração:

A Comissão Organizadora do Congresso do Ramo da Alimentação Pública, prevendo antecedentemente o que se viria a dar no mesmo congresso, tinha resolvido apresentar a adesão à C. G. T. e não à Internacionais, sejam elas quais forem, para bem da organização operária e daquela operários do Ramo de Alimentação. — Borges Gambôa

Albertino Gomes com grande calor defende a doutrina da sua moção.

Tomou a seguir uso da palavra o delegado da C. G. T. O orador declara que a moção dos organismos do Porto é apenas a ratificação das resoluções do Congresso Operário de Santarém, assembleia que toma a adesão à C. G. T. e não à Internacionais, sejam elas quais forem, para bem da organização operária e daquela operários do Ramo de Alimentação. — Borges Gambôa

Logo a aprovação deste documento não vem criar um princípio novo, não importa

nos responsabilidades. Para podermos conseguir o exposto, necessário se torna que os camarádas se alberguem no nosso Sindicato e lhe deem a vitalidade necessária para que se possa agir de forma a tirar resultados práticos. Mas necessário também é que todos os camaradas sindicados façam a máxima propaganda junto dos seus colegas para que êles venham para junto de nós. Conseguindo isto, julgamos que em muito será attenuada a crise e que talvez ela não se torne a repetir.”

De seguida o delegado da C. G. T. apresentou a sua adesão à C. G. T.

Em votação nominal foram aprovadas as duas moções.

A adesão à A. I. T. teve apenas a rejeição da Associação dos Manipuladores de Pão de Lisboa e a abstenção da Associação dos Cozinheiros do Funchal.

Em seguida foi lida a tese «Higiene nas cozinhas» que o Congresso aprovou sem discussão.

Antes de encerrar a sessão foram lidos dois telegramas da Associação dos Confeiteiros do Porto, um saudando a C. G. T. a A. I. T. e a Batalha e outro advogando a adesão áquelas dos organismos, e de um ofício do Sindicato dos Manipuladores de Pão do Porto saudando o Congresso.

Foram aprovadas algumas teses e votada uma saudação à “Batalha” na 2.ª sessão do Congresso

A segunda sessão abriu às 14,30 horas de ontem, sob a presidência do camarada Alberto Gomes, da Associação dos Manipuladores de Pão do Porto, secretariando João Manuel Alves Fernandes, da Associação dos Confeiteiros do Porto, e Mário Martins Maseira, da Associação dos Manipuladores de Pão de Coimbra.

Foi lido um telegrama de saudação do professor de Reguengos de Monsaraz, Mendes e Mário.

O relator da tese “Instrução e Educação”, Alfredo Borges Gambôa procedeu à leitura de sua ação directa.

Sem discussão foram aprovadas as conclusões: *Educação Moral, Instrução Primária e Pedagógica, Escolas Profissionais*.

Sobre a conclusão *Instrução Racional Secundária e Superior* iniciou larga discussão na qual tomaram parte Domingos Gonçalves, Sebastião Marques, o relator da tese e Fernando Matos que apresentou a seguinte emenda ao número 9.

“Que seja intercalada nas palavras *superior e científico* a palavra *profissional*. Aprovada esta emenda considerou-se aprovada toda a tese.

Foi lida e aprovada a tese introdução da

Prosseguam com entusiasmo e elevação os trabalhos do I Congresso dos Operários da Indústria da Alimentação.



O Sindicato dos Manufactores de Calçado responde ao repto da Associação dos Alfaiates

O Sindicato dos Manufactores de Calçado pede-nos a publicação da seguinte nota oficiosa, resposta a umas críticas que lhe foram dirigidas pela Associação dos Alfaiates. Publicamo-la por dever de lealdade, esperando que entre os sindicatos dos trabalhadores cessem discussões estériles que, afinal, pouco ou nada contribuem para o progresso do proletariado.

Feitos estes reparos que não se dirigem especialmente a este ou aquele sindicato, mas a todos os que se colocuem em semelhantes e lamentáveis circunstâncias, passamos a publicação da nota:

A Comissão Administrativa do Sindicato dos Manufactores de Calçado só forçadamente vê a público tratar uma questão, que, não sendo grave, tem a importância moral que um *repto*, certamente precipitado, importa à honrabilidade dum organismo que foi colocado numa situação duvidosa perante a restante organização sindical.

Este Sindicato necessita para os devidos efeitos, que este assunto seja devidamente esclarecido, pois se atravessa uma época em que tudo se ataca e se deprime, as vezes com intuições cujos designios se não descobrem facilmente.

Ora, pois, este Sindicato — como se poderá ver pelo ofício transcrito — nem acusou, nem deprimiu, apesar de razões, motivos, justificados na atitude que os dois delegados dos Alfaiates têm mantido, dentro dos organismos sindicais e nos congressos, atitude por demais conhecida e que os mesmos assumiram após a constituição do Partido Comunista, de que fazem ou fizeram parte e ao qual obedecem nas suas manobras dentro da organização sindical. Esta atitude foi bem vincada ainda ultimamente na C. S. T., quando Bonifácio propôs a constituição da «Unidade Sindical», assunto que sofreu acalorada discussão no sentido de se realizar todos os possíveis, tendentes a assembléa geral da classe para regressar à organização operária aquela posição numérica que constitui — ainda não há muito — o assombro da classe capitalista.

Mais resolviu dar todo o apoio e plenos poderes aos delegados à C. S. T., para que continuem — como até aqui — a defender os trabalhos apresentados, e convocar a assembléa geral da classe para dia 26 de setembro de se nomear delegados ao Congresso.

E sómente com o fim de esclarecer uma atitude e não com um objectivo de polémica; só porque este sindicato foi provocado a vir a público e não porque tivesse sido esse o seu desejo é que vimos a esta rede.

A Associação dos Alfaiates de Lisboa, em ofício de 9 de outubro, pretendem que este sindicato justificasse a atitude do nosso delegado ao registar a nomeação dum delegado seu para a C. I. da C. S. T. Este sindicato estranhou o convite posto tal procedimento constituir uma *inovação* no terreno sindical, onde os delegados, em assuntos de natureza, procedem com inteira liberdade de consciência, tendo em vista os principípios e os interesses da organização.

Entretanto, resolveu responder àquele organismo com o ofício seguinte:

“Caros camaradas: A comissão administrativa deste organismo apreciou o vosso ofício, com data de 9 de outubro, que se refere ao voto do delegado deste sindicato na C. S. T. de Lisboa em relação à nomeação de Ernesto Bonifácio para secretário adjunto daquele organismo central.

Ouvido o nosso delegado a que vos referis, somos a dizer-vos que estamos plenamente de acordo com a sua atitude. O nosso delegado votou a nomeação do vosso outro delegado, o camarada Alberto Monteiro, para o cargo de secretário geral. Conhecendo a tendência política desse delegado vosso, o nosso transfigurou, pois sendo o mesmo partidário da colaboração dos organismos sindicais com partidos políticos que é contrário a todos os princípios de independência sindical, defendido por este organismo — o nosso delegado contemporâneo em demasia, sabendo a influência que pode ter num organismo da natureza da C. S. T. o indivíduo que desempenha o cargo de secretário geral, que é o de mais confiança dentro de qualquer organismo.

Há bibliotecas completas em brochura porque os seus possuidores não querendo os seus livros mal tratados, os não mandam encadernar. Dentro da actual encadernação há tais aberrações que os mais leigos as notam. Esta é uma das causas da crise e a mais poderosa. Outra há que é do conhecimento de todos e que se baseia na constante oscilação de câmbios que faz com que haja um certo retrocesso a esperar que os preços desça. Esta, porém, é de menor importância, porque na ocasião oportunidade esses trabalhos têm que se executar e então é ver as quantidades de trabalho que aparecem nas oficinas ao qual se tem que entender, ainda que para o executar se façam horas extraordinárias, ficando depois os operários inactivos e os patrões com as burras cheias. Outra ainda é a forma como é feita a cartonação escolar que, devendo obedecer a certas regras, até impostas por lei, elas não são acatadas, ficando desfeitas os editores e, em especial, os consumidores.

Para que tais anomalias se não repitam e se evite o mais possível a crise que se agravasse, torna-se necessário que nos evitemos. Devemos começar por não fazer horas extraordinárias, evitando assim que, quando haja grandes aglomerados de trabalho, não seja feito de repente prolongando assim o trabalho para todos. Exigir dos poderes constituidos que seja posta novamente em vigor a lei que regulamenta a confecção da cartonação escolar, com plenamente de acordo com a sua redacção.

Por favor, somos a dizer-vos que estamos plenamente de acordo com a sua redacção, com a sua razões, motivos, justificados na atitude que os dois delegados dos Alfaiates têm mantido, dentro dos organismos sindicais e nos congressos, atitude por demais conhecida e que os mesmos assumiram após a constituição do Partido Comunista, de que fazem ou fizeram parte e ao